

Narrativas e transformações: representações cartobiográficas do bairro do Guamá, em Belém (1950-1970)

Izabella Melo, Celma Chaves*

Resumo Entre as décadas de 1950 e 1970 o bairro do Guamá em Belém do Pará passou por diversas transformações em seu espaço construído, ocasionadas, sobretudo, pela ocupação que a área experimentou, bem como por processos que estavam em desenvolvimento na capital paraense e no território nacional. Observa-se que nas representações cartográficas deste período há uma omissão do bairro que dificulta entender o seu desenvolvimento. Este artigo apresenta a “cartobiografia” como um modo de representar as mudanças observadas, a partir dos relatos de moradores que foram testemunhas e agentes diretos de certas transformações. Objetiva-se entender o desenvolvimento do bairro e contribuir para a construção de uma história urbana da cidade de Belém que ultrapasse as fronteiras das áreas centrais.

Palavras-chave: história urbana, cartobiografias, bairro do Guamá.

Narrativas y transformaciones: representaciones cartobiográficas del barrio de Guamá, en Belém (1950-1970)

Resumen Entre las décadas de 1950 y 1970 el barrio de Guamá en Belém do Pará sufrió varios cambios en su espacio construido, provocados, principalmente, por la ocupación que vivió el área, así como por los procesos que se estaban desarrollando en la capital de Pará y en el territorio nacional. Se observa que en las representaciones cartográficas de este período existe una omisión del barrio que dificulta la comprensión de su desarrollo. Este artículo presenta la “cartobiografía” como una forma de representar los cambios observados, basándose en los relatos de residentes que fueron testigos y agentes directos de determinadas transformaciones. El objetivo es comprender el desarrollo del barrio y contribuir a la construcción de una historia urbana de la ciudad de Belém que trascienda los límites de las áreas centrales.

Palabras clave: historia urbana, cartobiografías, barrio de Guamá.

Narratives and transformations: cartobiographic representations of Guamá neighborhood, Belém (1950-1970)

Abstract Between the 1950s and 1970s, the Guamá neighborhood in Belém in the Pará state went through several transformations in its built space, caused, above all, by the occupation that the area experienced, as well as by processes that were under development in the capital of Pará, and in the national territory. It is observed that in the cartographic representations of this period there is an omission of the neighborhood that makes it difficult to understand its development. This article presents “cartobiography” as a way of representing the observed changes, based on the reports of residents who were witnesses and direct agents of certain transformations. The goal is to understand the development of the neighborhood and contribute to the construction of an urban history of the city of Belém that goes beyond the borders of the central areas.

Keywords: urban history, cartobiographies, Guamá neighborhood.

O bairro do Guamá está localizado na zona sul da cidade de Belém, às margens do Igarapé do Tucunduba e do rio que lhe concede o nome (Figura 1). Embora existam registros de ocupação do seu território desde 1728¹, a história da área é frequentemente vinculada à instalação em 1815 do primeiro leprosário da Amazônia, o Hospício dos Lázaros do Tucunduba, local que por mais de um século tratou e isolou os doentes da lepra do convívio da sociedade paraense (HENRIQUE, 2012). A presença desta instituição de certa forma delineou a área como propícia à instalação de equipamentos que deveriam estar afastados do centro da capital paraense, de modo que até às primeiras décadas do século XX outros hospitais de isolamento e cemitérios também foram construídos no bairro.

A existência de tais equipamentos, somada às condições físicas do bairro², dificultaram sua ocupação durante certo tempo. Porém, o aumento populacional, a expansão urbana e obras realizadas na cidade criaram condições para que a área fosse mais amplamente ocupada, especialmente por uma população carente vinda do interior do Estado e de outras regiões do país (DIAS JUNIOR, 2009).

A maior ocupação do bairro demandou melhorias para atender, ao menos parcialmente, suas necessidades e integrar-se à cidade. Assim, entre as décadas de 40 e 70 observa-se inúmeras transformações na área, a realização de obras de infraestrutura e instalação de equipamentos urbanos, incluindo a implantação da Universidade Federal do Pará³ em 1968, ações que embora não tenham modificado a condição periférica do bairro, alteraram sua relação com a cidade.

Entretanto, a história do Guamá ainda é marcada por lacunas e imprecisões que dificultam entender a lógica e processos que estiveram por detrás das mudanças ocorridas, bem como a importância que o bairro possui no desenvolvimento da capital paraense. Sobre esta questão, Ramos (2002, p. 11) afirma que oficialmente se buscou olvidar certos momentos do passado do bairro, principalmente aqueles ligados ao Leprosário do Tucunduba, e que os trabalhos sobre a História de Belém geralmente se restringem às áreas centrais da cidade, dando a impressão de que o Guamá e outros bairros periféricos não fazem parte da mesma. Constatação que também pode ser observada nas representações cartográficas produzidas da capital paraense, nas quais estas áreas não foram representadas, mesmo quando já apresentavam uma notável ocupação.

À vista disso, este artigo - resultado de uma discussão mais ampla inserida em dissertação de mestrado⁴ - busca reunir em cartobiografias (ORTIZ, 2014) os relatos de seis moradores do Guamá⁵, com relação às transformações ocorridas no bairro entre as décadas de 1950 e 1970 observadas em aspectos como o prolongamento de seu sistema viário, a implementação de serviços de infraestrutura como transporte, abastecimento de água, iluminação pública e a construção de equipamentos urbanos, questões que autores como Collado, Bertuzzi e Del Barco (2013) vinculam aos processos de modernização urbana. A periodização adotada levou em conta tanto o período em

* Izabella Melo é Arquiteta e Urbanista, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-8997-2866>>. Celma Chaves é Arquiteta e Urbanista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-3437-3844>>.

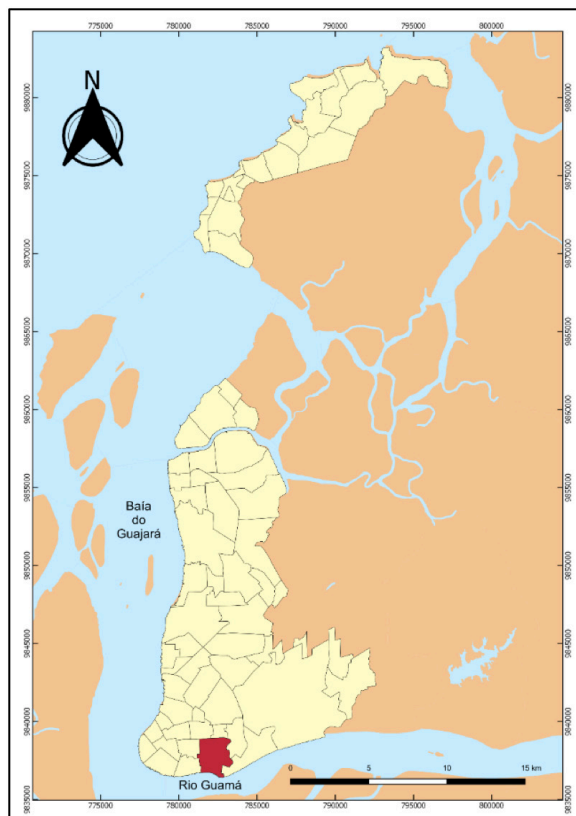


Figura 1: Localização do bairro do Guamá na cidade de Belém. Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

¹ Considera-se como primeiro registro de ocupação do bairro uma carta de Sesmaria, de 8 de fevereiro de 1728, que concedia a Theodoro Soares o direito de exploração de uma fazenda localizada nas bacias dos Igarapés Tucunduba e Boyussucuará (PARÁ, 2010). A carta pode ser encontrada no quarto volume da coleção *Iterpa Sesmaria*, disponível em: <http://www.rosepepe.com.br/hotsite_acervo/sesmarias/>.

² A maior parte do território do Guamá encontra-se em uma área de baixada, com cota igual ou inferior a 4 metros, o que deixa o bairro sujeito a alagamentos frequentes (BELÉM, 2019). Na capital paraense as baixadas coincidem muitas vezes, como no caso do Guamá, com as periferias, áreas carentes de investimentos, infraestrutura urbana e equipamentos públicos.

que os entrevistados passaram a residir na área, quanto as modificações pelas quais a mesma passou em decorrência de seu crescimento populacional.

Portanto, visa-se compreender a importância que alguns espaços tiveram no desenvolvimento do bairro e a participação desses moradores em certas transformações. Para isso, considera-se o Guamá como um bairro que sofreu diversas variações em sua paisagem e cuja memória de seus habitantes pode indicar o significado que estas possuem na construção de suas identidades e em seus processos afetivos de pertencimento e identificação com o lugar (ECKERT, 2009).

O artigo se estrutura em quatro tópicos principais. O primeiro desenvolve inicialmente uma breve reflexão sobre os mapas não serem documentos neutros, mas objetos culturais criados para representar e destacar visões específicas de mundo e apresenta novas possibilidades cartográficas. O segundo explana mais detalhadamente o que são cartobiografias, como são consideradas neste trabalho e como foram produzidas. O terceiro tópico sintetiza em cartobiografias os relatos dos moradores do Guamá a respeito de transformações ocorridas no sistema viário do bairro e em serviços de infraestrutura que o atendiam. Por fim, o último tópico apresenta memórias acerca das apropriações realizadas pelos entrevistados, tanto às relacionadas a questões físicas do Guamá quanto as que dizem respeito às suas construções enquanto moradores e a importância que certos lugares possuem em suas narrativas; este tópico também expõe em uma cartobiografia a localização de equipamentos e espaços citados ao longo das entrevistas.

³ Até a década de 70 o atual “Setor Básico – Campus I” da UFPA fazia parte do bairro do Guamá, porém, nos dias atuais todos os campus que compõem o campi de Belém estão localizados no bairro Universitário.

⁴ Este artigo é parte integrante de uma dissertação de mestrado defendida em 2020. A mesma foi desenvolvida com bolsa de pesquisa concedida pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

⁵ Os moradores entrevistados foram selecionados a partir de aspectos como o tempo que residem no Guamá, a facilidade de contato da autora com os mesmos e a localização de suas residências. As entrevistas semiestruturadas ocorreram entre 2018 e 2019 e foram guiadas a partir de questões relacionadas a urbanização do bairro.

Cartografias alternativas e a inclusão de outras narrativas

Os mapas são importantes ferramentas por meios das quais é possível conhecer, ordenar e intervir no espaço. Embora a leitura dos mesmos tenha sofrido transformações ao longo do tempo, principalmente no que diz respeito a confiança – ou não – em sua fidelidade e exatidão, ainda hoje são valiosos instrumentos de estudo, análise, pesquisa e planejamento. Entretanto, é possível observar que nas últimas décadas o interesse pelas fontes cartográficas foi ampliado de tal maneira que em muitas pesquisas estas se transformaram no próprio objeto de estudo, pois também possibilitam entender as condições políticas, culturais e ideológicas das sociedades que lhes produziram (FAVELUKES, 2012).

Há atualmente uma tensão entre considerar o mapa como um dado ou representação, pois ao ser examinado como uma representação passa-se a observá-lo como um produto cultural, portanto, espacial e historicamente determinado, de modo que é preciso analisar “as condições de sua produção [...], os meios pelos quais e nos quais circula, a realidade que constrói, os espaços que determina, isto é, os efeitos sociais e políticos dos mapas” (RAUSCH, 2012, p.133).

A partir desta perspectiva compreende-se que os mapas não são neutros ou isentos de juízo de valor, mas construções realizadas pelas sociedades para conceber, articular e estruturar o mundo. Portanto, para entender suas regras é preciso lê-los como textos, entender o que dizem suas linhas, símbolos, margens e silêncios (HARLEY, 2005), pois, “assim como certos exemplos de escritas ou de falas, os mapas exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e valorizam” (HARLEY, 2009, p.13)

Quando se analisa as cartografias produzidas da cidade de Belém entre os séculos XVII e XIX constata-se que estas apresentavam principalmente o núcleo urbano inicial e os primeiros bairros da cidade, de modo que o Guamá ou não aparecia nestes registros, ou quando estava presente era mais para indicar as localizações do Cemitério Santa Izabel e do Leprosário do Tucunduba. A ausência do bairro nestes mapas pode ser justificada pelo fato do mesmo ainda não se estabelecer neste período como uma área intensamente ocupada, situação que apenas começou a mudar nas primeiras décadas do século XX.

Contudo, o Guamá continuou a ser silenciado ou representado de maneira equivocada (Figura 2) mesmo após a notável ocupação de seu território por ruas, moradias e edifícios públicos. É fato que os mapas possuem intenções diferentes ao representarem a cidade, mas o silenciamento de um bairro inteiro, e conseqüentemente de seus habitantes, sugere que poderia haver uma finalidade por detrás da escolha de apagar esta área da cidade que apresentava uma série de problemas estruturais e uma população carente.

Frequentemente o modo como as cartografias são construídas privilegia os dados físicos dos territórios em detrimento dos aspectos sociais, como as percepções, apropriações e lembranças dos grupos que vivenciaram o espaço representado. Sobre este assunto, Harley (2009) alega que os mapas tendem a dessocializar o território à medida que favorecem a noção de um espaço totalmente vazio, e reforça que “grande parte do poder do mapa, como uma representação da geografia social, é que trabalha por trás de uma máscara de ciência aparentemente neutra. Esconde e nega suas dimensões



Figura 2: À esquerda, fragmento do mapa de Belém de 1958; à direita fragmento da Planta da Região Belém-Icoaraci de 1965. Em vermelho área aproximada do bairro do Guamá. Fontes: Mayr Fortuna, 1958; Serviço de Terras do Governo do Estado do Pará, 1965; Acervo do Fórum Landi.

sociais enquanto as legítimas” (HARLEY, 2005, p.194). Isto é, ao mesmo tempo em que escondem uma parte da cidade (e da sociedade), os mapas acabam priorizando outra parcela que consideram de maior valor.

Conforme relembra Silva (2011, p.197), a cartografia moderna, realizada através de técnicas de levantamentos políticos-militares, privilegiou a escala e representação do desenho urbano, que se sobrepuseram às lógicas e dinâmicas sociais. Entretanto, já existem diversos trabalhos que buscam construir cartografias alternativas aos mapas “oficiais”, por vezes incompletos e com uma visão limitada dos espaços. Estas cartografias insurgentes e combativas (MESQUITA, 2013) rompem com a autoridade e controle do território encontrado nos mapas mais geográficos e com as representações que apenas privilegiam dados físicos dos espaços, para isso subvertem o seu uso convencional a favor de lutas sociais e de processos colaborativos de produção cartográfica. Este tipo de representação, que se opõe aos modelos tradicionais e que gera mudanças sociais vindas de baixo pode ser chamada de contracartografia (MESQUITA, 2013; KIMINAMI, 2018).

O principal objetivo das contracartografias é “desconstruir a lógica política e econômica de mecanismo, organizações e hierarquias sociais para desvelar contradições e invisibilidades” (MESQUITA, 2013, p.176). De acordo com Kiminami (2018, p.191), as mesmas “permitem que o poder ainda possa ser desafiado e que qualquer informação ainda possa ser visibilizada. [...] Grupos que já possuem a tradição de enfrentar sistemas, como ativistas e artistas, vêm abrindo diferentes perspectivas”.

As chamadas Cartografias Sociais também são importantes experiências cartográficas que buscam questionar as formas habituais de representar os espaços, ao inserir nos mapas outros tipos de informações. Acselrad (2013, p.17) afirma que embora possua diferentes entendimentos, conceituações e metodologias, a cartografia social pode ser definida como “a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão”. O autor reitera que estas experiências constituem um campo que está em contínuo desenvolvimento e transformação nos últimos anos, e que buscam dar visibilidade a diferentes grupos sociais, suas histórias, identidades, representações, territórios e lutas, através – principalmente - de mapeamento participativo.

Mapeamentos alternativos e colaborativos também estão no cerne de pesquisa de Gutiérrez-Gonzalez (2019), ao desenvolver o que denomina de cartografias artísticas, representações que utilizam dados como emoções, comportamentos e experiências. Segundo o autor, a cartografia artística é uma arma de combate, conhecimento e reivindicação que auxilia a representação das identidades dos habitantes e suas relações com o espaço, e que também pode ser utilizada como estratégia de reencontro e conciliação com o entorno.

Cartobiografias: cartografias de memórias relatadas

Como é possível constatar, há uma diversidade de trabalhos que mudam a perspectiva do que pode ser cartografado. Cada autor desenvolve seu próprio entendimento - e por vezes metodologias - de como as representações podem ser construídas, o que significam e como podem contribuir com seus objetivos de pesquisa e concepção de mundo. Neste artigo optou-se por utilizar o conceito de Cartobiografia criado por Ortiz (2014), e também citado no trabalho de Gutiérrez-Gonzalez (2019), por entender que este termo é o mais apropriado ao que se pretende demonstrar nas cartografias que serão apresentadas adiante, uma vez que estas representarão as transformações do Guamá a partir, principalmente, da voz de seus moradores que através de relatos, histórias de vida e memórias indicam como viveram, perceberam e modificaram o bairro.

De acordo com Ortiz (2014), as cartobiografias são como invenções cartográficas que reúnem visões gerais e às vezes detalhes de histórias, momentos e experiências vivenciadas no espaço. Embora as tenha indicado como um método para representar experiências de deriva, também afirma que as mesmas possuem um caráter flexível, portanto, compreende-se que é possível utilizá-las para cumprir objetivos diferentes dos citados pelo autor. Ao contrário dos mapas convencionais, cheios de informações objetivas que não falam muito de como os lugares são de fato, as cartobiografias são subjetivas, pessoais e originais, personalizam os dados encontrados nos mapas geográficos e inserem tudo aquilo que os mesmos não quiseram, souberam ou puderam representar (ORTIZ, 2014).

Ortiz (2014) deixa claro que não há convenções de como deve ser um mapa cartobiográfico, ele não tem escala e forma pré-estabelecida, mas pode ter todas as escalas e formas possíveis, e que justamente é a sua capacidade de deslocar-se no tamanho do conteúdo que define seu valor como documento multiescalar. Ainda segundo o autor, a necessidade de acomodar tudo que não é possível nos mapas

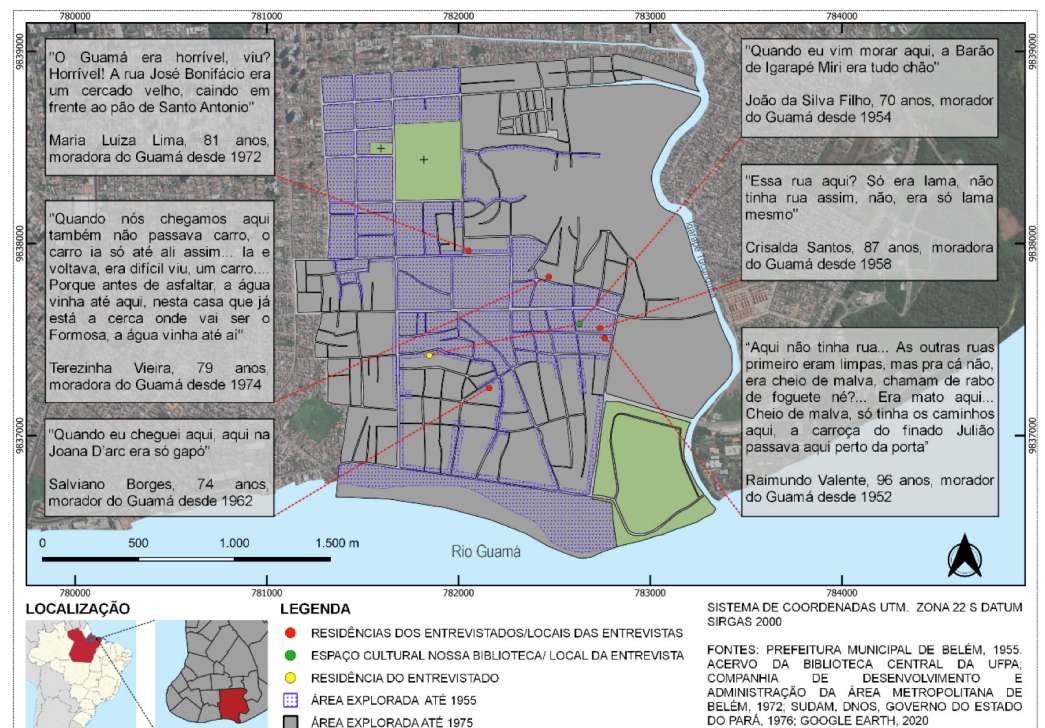
convencionais faz com que as cartobiografias adotem formas que se relacionam com as da arte contemporânea. Todavia, para Ortiz, a grande questão desse tipo de representação não é a confrontação com as normas cartográficas convencionais, “mas a duração da realidade a que fazem referência [...] que também reforça seu caráter biográfico, como aglutinador de episódios particulares da vida do lugar” (ORTIZ, 2014, p.273).

É justamente o caráter biográfico possibilitado pelas cartobiografias que o presente trabalho também considera de grande relevância para se entender os processos de modernização do Guamá. Em vista disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis moradores do bairro, com idades, endereços e profissões diferentes, mas que possuíam em comum o fato de morarem há muitos anos na área, de modo que puderam presenciar diversas transformações da mesma.

Após transcrição, os dados obtidos nas entrevistas foram sistematizados e as informações relevantes foram mapeadas em cinco cartobiografias. Estas foram produzidas por meio do software de geoprocessamento QGIS, utilizando como suporte as bases cartográficas do bairro nos anos de 1955 e 1975. Para elaborá-las se recorreu, além dos relatos dos moradores, a fontes bibliográficas e documentais, levantamentos aerofotogramétricos, fotografias e cartografias.

Figura 3: Cartobiografia com as primeiras lembranças dos moradores entrevistados sobre a condição do Guamá no momento em que passaram a residir nele. Fonte: elaborada pela autora, 2021.

A figura 3 é um exemplo de cartobiografia produzida, nela foram inseridos trechos das primeiras lembranças apresentadas por cada morador sobre a condição do bairro no momento em que passaram a residir nele.



É importante mencionar que as cartobiografias produzidas embora deem visibilidade ao Guamá e seus moradores, e que as vozes e lembranças destes tenham colaborado para o entendimento das dinâmicas e transformações do bairro, o tipo de trabalho desenvolvido não pode ser considerado como um mapeamento participativo, pelo menos não neste momento, na medida em que os entrevistados não foram os responsáveis pela espacialização dos fenômenos estudados, ou seja, não fizeram parte do processo de mapeamento.

Compreende-se, no entanto, que suas lembranças foram fundamentais para a espacialização dos aspectos de modernização observados, e mais ainda para entender como suas histórias de vida se entrelaçam com a própria história do Guamá, bairro que em muitos momentos foram os principais responsáveis por transformar. Neste ponto, vale lembrar o exposto por Ortiz (2014), p.275) ao dizer que: “Ao cartobiografar, não apenas a geografia muda, nós também mudamos. Ao contar as coisas que acontecem em um espaço, nós também nos contamos. O que acontece nos lugares os torna, e nos torna diferentes”.

Entre becos, caminhos e vielas: as transformações no sistema viário e serviços de infraestrutura urbana do Guamá

Nós não tínhamos muita coisa no bairro do Guamá, não, nós tínhamos só como diz o outro: becos e vielas, né? (SILVA FILHO, 2019)⁶

⁶ SILVA FILHO, João. Entrevista concedida à autora. Belém, 17 de novembro de 2019.

Ao analisar as entrevistas concedidas constatou-se que quando questionados sobre a situação do bairro no momento em que passaram a residir nele, algumas das primeiras lembranças evocadas pelos moradores diziam respeito às mudanças que ocorreram em seu sistema viário. Santos (2018)⁷ e Valente (2018)⁸ recordaram que o deslocamento por diversas ruas era difícil, uma vez que boa parte delas alagava, possuía buracos e pontes ao longo de seu percurso, como a rua Augusto Corrêa.

⁷ SANTOS, Crisalda. Entrevista concedida à autora. Belém, 30 de novembro de 2018.

Em seu relato Borges (2019)⁹ mencionou que por volta dos anos 60 ainda não havia interligação entre as passagens João de Deus e Joana D’arc, de modo que para acessar esta última os moradores vindos da primeira precisavam passar por um vão que havia entre duas casas. Segundo o morador, o fluxo de pessoas por entre o espaço das casas acabou incentivando a compra destas pelo Governo e a posterior comunicação entre as vias. Situação que permite compreender que os deslocamentos dos habitantes pelo bairro foi uma questão importante para que ocorressem transformações no mesmo.

⁸ VALENTE, Raimundo. Entrevista concedida à autora. Belém, 5 de julho. 2018.

⁹ BORGES, Salviano. Entrevista concedida à autora. Belém, 16 de novembro de 2019.

A participação dos moradores nas transformações do sistema viário também ocorreu de modo direto, alguns estiveram presentes e foram os principais responsáveis pela criação e modificação de ruas do bairro, como Valente (2018), que ao lado do pai ajudou a roçar e abrir a Vinte e cinco de junho, popularmente conhecida na época como “rua do sabão”, porque a lama existente a tornava escorregadia.

Silva Filho (2019) relatou que, embora o sistema viário do Guamá tenha sido modificado aos poucos, a partir da década de 70 o aumento populacional fez com que muitas áreas fossem ocupadas, o que ocasionou a abertura de diversas vias, principalmente por iniciativa popular, como as passagens Santa Fé, Popular e Serrão de Castro. Este

morador também afirmou que o bairro mudou tanto desde que passou a residir nele que hoje já não sabe onde ficam certas áreas porque “mexeram em tudo [...] aterraram tudo e fizeram aquele movimento todo, então são coisas que a gente vê crescer, mas aparentemente não aparece porque a população cresce junto”. É possível relacionar a fala do morador com a ideia apresentada por Certeau (2011, p.159), de que os caminhantes e pedestres são praticantes ordinários da cidade, que possuem um conhecimento cego da mesma, uma vez que obedecem “aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo”.

Outro ponto bastante significativo nas narrativas dos moradores diz respeito à nomenclatura das vias. Foi possível verificar que a população também foi responsável por nomear diversas ruas do bairro, atribuindo nomes que faziam referência a frutas típicas, plantas regionais e aos aspectos físicos das mesmas. Assim surgiram vias como: a já citada “rua do sabão”, o “beco do Piquiá”, e as passagens “do Bacuri”, “Jambu” e “Vai-quem-quer”.

Lembranças e menções às antigas denominações de vias também estiveram presentes nos relatos dos moradores entrevistados e mostraram-se relevantes ao se observar que muitas ruas que sofreram mudanças de nomenclatura foram justamente as anteriormente nomeadas pela população, como a passagem Bacuri, hoje rua Augusto Corrêa; e o Beco do Piquiá, atualmente Napoleão Laureano. O que demonstra que mesmo que há décadas estas vias não sejam conhecidas por seus antigos nomes, estes ainda são importantes na organização da memória dos moradores, então surgem novamente para os mesmos como lugares praticados (CERTEAU, 2011).

Antigamente botaram o nome de rua, né? Na Ezeriel...Ali era outro nome, era do pessoal do Barata, então mudaram pra Ezeriel [...] aqui a nossa rua era Vinte e dois de junho, mas mudou no tempo que teve a eleição dia Três de outubro, mudaram porque o Barata ganhou dia Três de outubro. (VALENTE, 2018)

Verificou-se ainda que tanto as ruas mencionadas, como outras, cujos nomes também foram mudados, acabaram por receber denominações em homenagem a políticos, médicos, Barões, e a datas importantes como o dia em que governantes ganhavam eleições, como 3 de outubro citado por Valente (2018), dia da eleição em que Magalhães Barata foi eleito Governador do Estado em 1955¹⁰.

Ao espacializar os relatos apresentados em uma cartobiografia do sistema viário do bairro (Figura 4) foi possível entender como esse se transformou durante o período abordado, e observar que as vias mencionadas se encontram principalmente nas proximidades das residências dos entrevistados, o que pode indicar que a importância que ocupam em suas narrativas deve-se tanto à utilização que tiveram, quanto a participação em suas criações. Constatou-se ainda que embora os moradores não tenham sido os únicos responsáveis pelas transformações do sistema viário do bairro, foram importantes agentes de modificação.

Em seus relatos, os moradores também forneceram importantes informações acerca das dificuldades e mudanças ocorridas nos serviços de infraestrutura urbana que atendiam – ou não - o bairro, como abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica e transporte público.

¹⁰Embora a data também indique o dia do pleito ao Governo do Estado do qual Zacarias de Assumpção saiu vencedor em 1950, e que as pesquisas realizadas tenham encontrado notícias sobre comemorações e homenagens a este dia desde 1951, informações sobre uma passagem chamada Três de outubro no bairro do Guamá apenas foi verificada em uma notícia veiculada em 21 de fevereiro de 1956, na coluna de “Polícia e Assistência” do jornal Folha Vespertina.

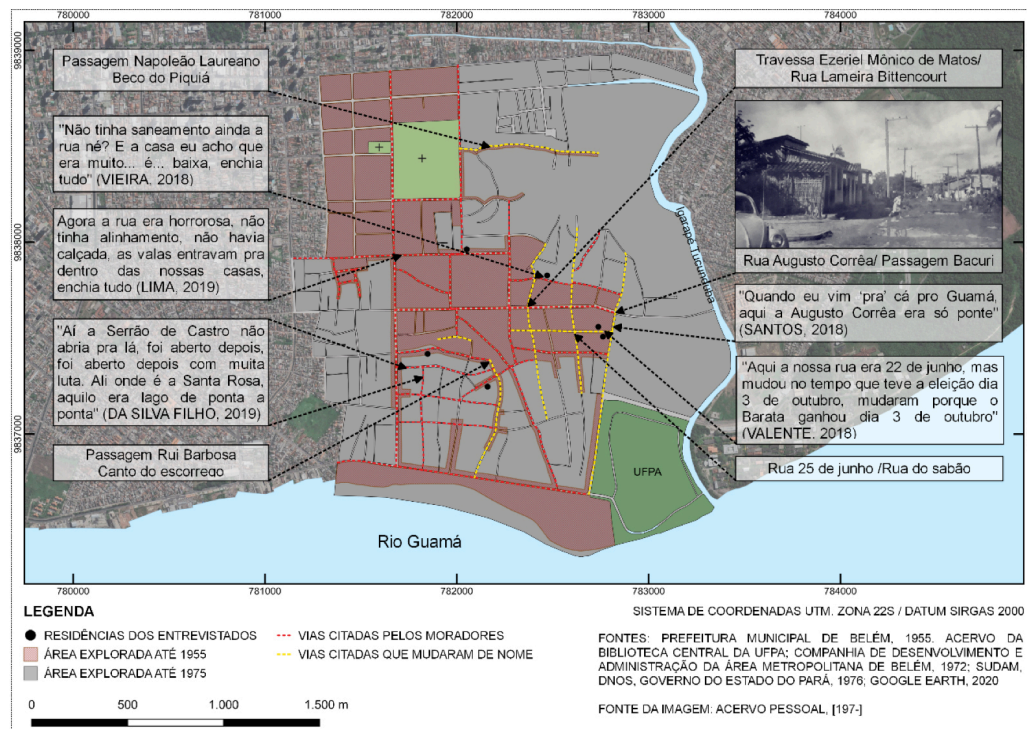


Figura 4: Cartobiografia das mudanças ocorridas no sistema viário do bairro. Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Silva Filho (2019) recordou que ao se mudar para o bairro em 1954 não havia água encanada em sua casa, apenas torneiras públicas em determinadas vias. Informação semelhante também foi compartilhada por Borges (2019), que precisava buscar água em uma torneira pública, pois a passagem Joana D'arc não possuía água encanada.

De fato, pesquisas em jornais e documentos como a Planta geral das obras de serviço de água, elaborada pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1955, demonstram que o abastecimento de água foi (e ainda é) uma grande dificuldade para os moradores do Guamá. O serviço apenas começou a apresentar uma melhora e maior distribuição a partir de 1967, quando foram inaugurados o 4º setor de abastecimento e a caixa d'água que abastece a área, momento em que diversas vias do bairro passaram a ser atendidas.

Os relatos acerca do fornecimento de energia elétrica mostraram-se variados, conforme o tempo em que cada morador reside no Guamá. Enquanto Silva Filho (2019) recordou que ao se mudar para o Guamá não havia energia elétrica em sua residência e que a sua família utilizava lamparinas, Santos (2018) e Lima¹¹ (2019) alegaram que embora o serviço apresentasse falhas, atendia o bairro e suas casas.

¹¹ LIMA, Maria Luiza. Entrevista concedida à autora. Belém, 10 de dezembro de 2019

Entretanto, talvez as ocorrências de maior relevância nos relatos dos moradores entrevistados, em razão, sobretudo, da quantidade de informações apresentadas e pela coincidência de dados entre cada uma, sejam as que fazem referência ao transporte coletivo, tanto no que diz respeito às mudanças de circuito, paradas e nomes dos transportes, quanto às dificuldades enfrentadas pelos moradores, como Lima (2019), que recordou que poucos ônibus atendiam o bairro, que a rota era bastante instável e mudava com frequência.

Os relatos também permitiram entender que o percurso do transporte, que antes limitava-se às proximidades do Cemitério Santa-Izabel, foi se prolongando com o tempo pelo bairro, conforme a chegada de espaços e equipamentos públicos, como o Mercado, escolas e a Universidade Federal do Pará.

Embora as lembranças não sejam fontes incontestáveis de informações, uma vez que são formadas a partir de perspectivas subjetivas de cada indivíduo, a partir do momento em que os fragmentos das lembranças dos moradores se ligam entre si, por meio de suas narrativas e de estruturas de cruzamento, superposição e conectividade, acabam por se confirmar, adquirem coerência e favorecem o espírito comunitário (ASSMANN, 2003). Entende-se, portanto, que ao relatarem informações semelhantes sobre o mesmo assunto, os moradores não apenas confirmam os dados apresentados, como também indicam a importância que as recordações possuem no desenvolvimento do bairro e em suas próprias relações com o mesmo.

Um lugar de destaque nos relatos apresentados acerca do transporte coletivo foi o ponto de ônibus conhecido como *Clipper*¹², localizado na confluência das Ruas Augusto Corrêa e Barão de Igarapé Miri. Santos (2018) e Valente (2018) mencionaram que após sua implantação não precisaram mais percorrer longas distâncias para esperar o transporte e que ainda hoje o espaço é importante para a população que o utiliza. De fato, a relevância que este equipamento possui para os moradores do bairro contribui para que ainda permaneça de pé e em pleno funcionamento, uma vez na atualidade o *Clipper* do Guamá é o único exemplar deste tipo de construção ainda existente em Belém. E embora já tenha passado por diversas reformas, ainda possui o mesmo uso de outrora: funcionar como abrigo para os que esperam o transporte coletivo.

Para elaborar as cartobiografias referentes às transformações nos serviços de infraestrutura (figura 5) e no transporte coletivo (figura 6) foram utilizados tantos os relatos apresentados pelos moradores, quanto informações advindas de outras fontes documentais, como as presente no 2º volume da Monografia das Baixadas de Belém¹³, ação que se mostrou benéfica, pois permitiu entender que longe de estarem equivocadas, as narrativas demonstraram como alguns serviços foram prolongados com o tempo pelo bairro. Também foi possível observar que as vias onde o transporte circulava são, ainda hoje, as principais vias atendidas por este serviço, e que embora as paradas tenham sido multiplicadas e transformadas ao longo do tempo, algumas permanecem no mesmo local ou em suas proximidades.

Ambas cartobiografias também possibilitam verificar que as alterações nos indicadores de modernização apresentados não foram capazes de contemplar o bairro de maneira integral, e que em alguns momentos longe de solucionar, as transformações apenas minoraram certos problemas, assim como recorda Lima (2019) ao dizer que “as coisas iam melhorando, melhorando, não resolvendo”.

¹² *Clipper* foi um tipo de abrigo criado na década de 1930 com o objetivo de oferecer proteção aos passageiros que esperavam o transporte coletivo em Belém, e que também apresentava em seu interior pequenos comércios, bares e lanchonetes. O equipamento ficou conhecido por este nome devido à semelhança que o primeiro exemplar edificado possuía com os hidroaviões *Clipper*s da empresa Panair que sobrevoavam a cidade nos anos 30 (BALEIXE, 2013).

¹³ SUDAM; DNOS; GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Monografia das baixadas de Belém: subsídios para um projeto de recuperação. Mapas. Belém, SUDAM, 1976, 2v.

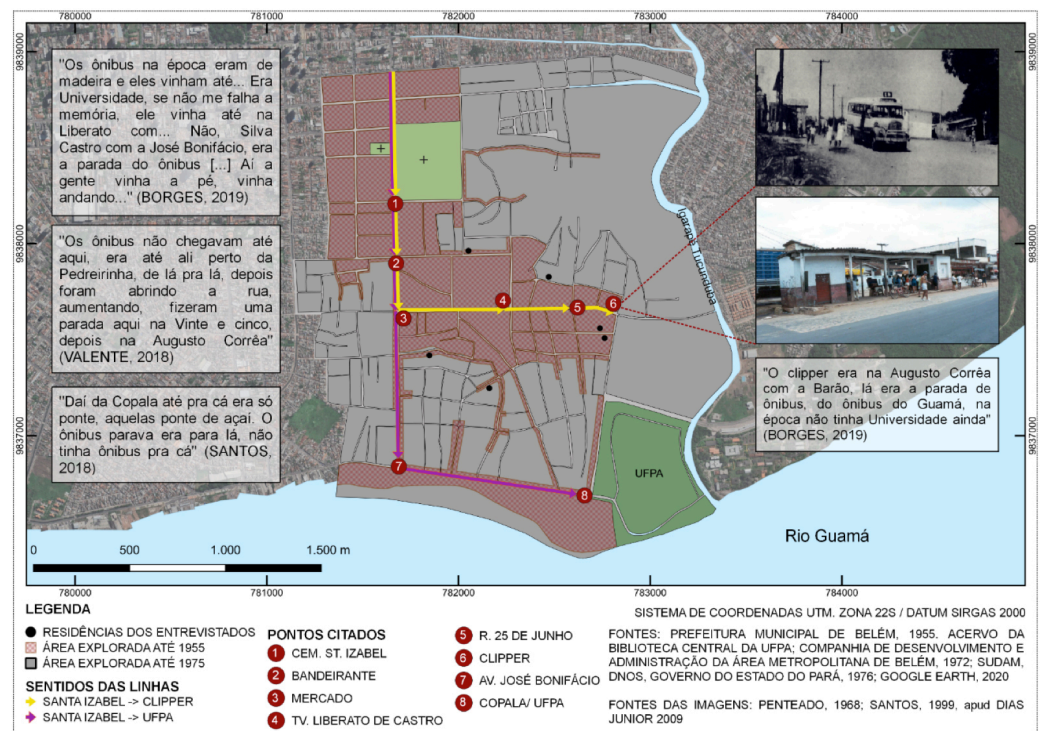
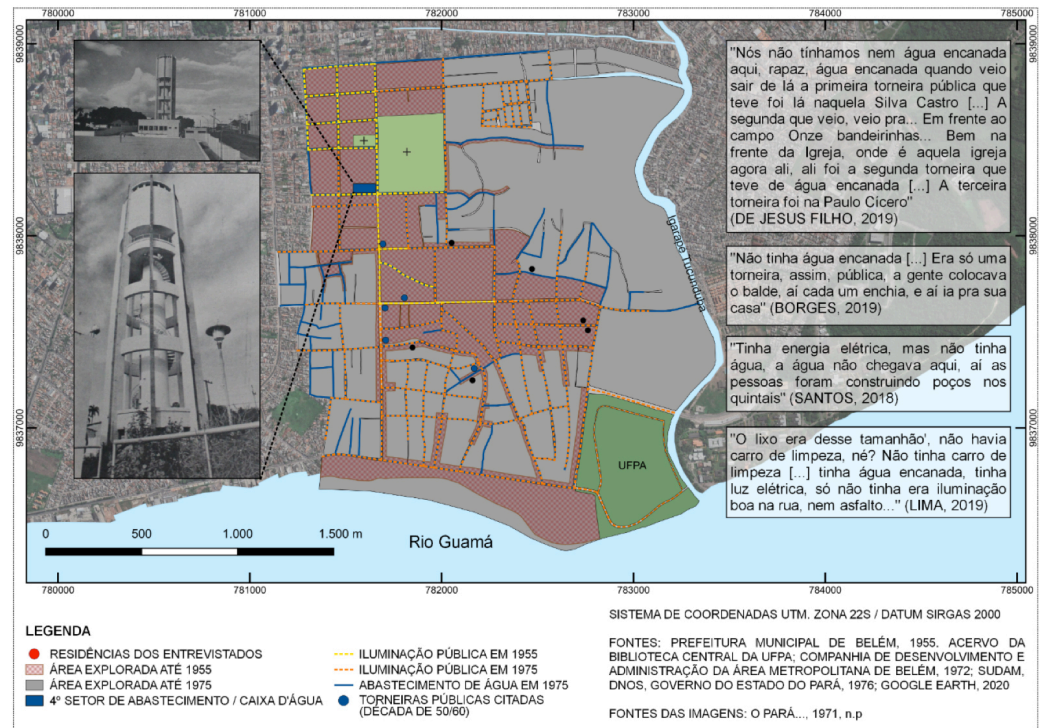


Figura 5 (em cima): cartobiografia indicando as mudanças no serviço de iluminação pública e abastecimento de água do bairro. Fonte: elaborada pela autora, 2020.

Figura 6 (embaixo): cartobiografia do transporte coletivo do bairro, com os pontos (paradas) citados pelos moradores durante seus relatos. Fonte: elaborada pela autora, 2020.

As apropriações e as mudanças nos equipamentos públicos

Mayol (2008) afirma que as pessoas sempre conseguem produzir itinerários e lugares de aconchego no espaço urbano, mesmo em face de desníveis sociais, código e configurações impostas pelo urbanismo que estas não entendem ou controlam, mas que assimilam para poder viver melhor. Para o autor, “o bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação. (MAYOL, 2008, p.41-42)

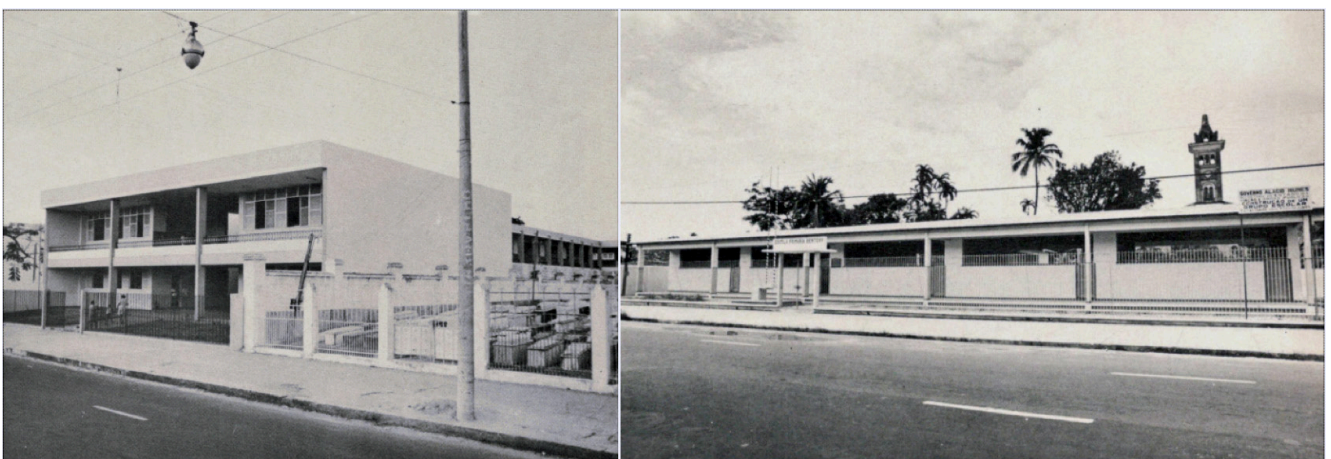
Nos relatos sobre o Guamá foi possível observar diversas formas com as quais os moradores apropriaram-se e construíram sentimentos de pertencimento com o bairro, entre elas destacam-se as lembranças sobre os momentos em que os mesmos passaram a residir na área, marcadas geralmente pela instalação em uma casa alugada, emprestada, doada, ou pela ocupação de um terreno que não lhes pertencia legalmente.

A gente chegava e marcava, chegava e marcava aqui, isso aqui “esse, esse, esse”, aí outro vinha capinar e falava “não, aqui não, a gente vai passar uma rua bem aqui”, aí o outro marcava pra lá, aí outro marcava pra cá, esse espaço tinha que deixar livre pra poder ter outra demarcação. (SILVA FILHO, 2019)

O bairro também fornecia materiais com os quais muitas casas foram construídas, como estacas de madeira e barro: “a gente pegava as estacas, colocava o ‘matá-matá’, quando a gente não pregava, amarrava, e ia metendo o cimen... o barro. E ficava bonito!” (SILVA FILHO, 2019). Lima (2019) enfatizou que as casas eram construídas conforme a condição financeira de cada morador: “quem tinha era com telha, quem não tinha fazia com palha”, muitas vezes sem considerar o alinhamento da rua e as futuras obras que seriam realizadas no bairro, motivo pelo qual eram constantemente demolidas pela prefeitura.

Lembranças sobre a instalação e localização de equipamentos urbanos, como escolas (Figura 7), posto de polícia e saúde, também foram ocorrências frequentes nos relatos dos moradores. Enquanto Valente (2018) e Santos (2018) comentaram que

Figura 7: À esquerda, Escola Paulo Maranhão, reformada durante o governo de Alacid Nunes (1966-1971); À direita, Escola Bento XV, construída no mesmo período. Fonte: O PARÁ..., 1971.



a escola Rosa Gattorno funcionou durante um tempo na casa de uma moradora até ocupar o seu endereço atual, Borges (2019) e Silva Filho (2019) deram detalhes de uma feira que havia no local onde hoje está localizada a escola Padre Leandro Pinheiro.

Em suas narrativas, os moradores também mencionaram nomes e a localização de comércios, padarias e mercearias que existiram no bairro, pessoas que já faleceram: o cascalheiro, o carvoeiro, o vigia de uma escola, também os moradores famosos da área, como o policial Zé-Guamá, a quem atribuíram o sentimento de segurança que antes sentiam ao viver no bairro; e o Sr. Sinvalzinho, ex-policial militar conhecido por promover festas juninas no terreiro de sua casa.

¹⁴VIEIRA, Terezinha. Entrevista concedida a autora. Belém, 4 de junho de 2018.

Vieira¹⁴ (2018) recordou que no local em que havia tal terreiro encontra-se uma das únicas praças do bairro, que hoje também serve de palco para pequenas apresentações e festas juninas. Constata-se, portanto, que apesar das mudanças de propriedade e também de função, o espaço ainda guarda relação com o seu passado. Chama atenção ainda o fato de que não apenas neste momento, mas em diversas oportunidades os moradores fizeram uma ponte entre o que havia e o que existe atualmente em determinadas áreas do bairro.

O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais: “aqui vocês veem, aqui havia...”, mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar. (CERTEAU, 2011, p.175)

Embora vivessem dificuldades dos mais diversos tipos os moradores recordaram que existiam espaços no bairro que utilizavam nos momentos de lazer, como bares, casas de festas, cinema e um campo de futebol conhecido como Onze bandeirinhas. A área onde hoje está localizada a Universidade também apareceu nos relatos, Santos (2018) e Valente (2018) mencionaram que o local era conhecido como Bosquinho, e Borges (2018) comentou que na companhia de amigos pescava com frequência na fazenda que havia: “a gente pegava peixe [...] já levava até o sal com a farinha [risos]. A gente já fazia o assado lá, sabe? (BORGES, 2019)

A implantação da Instituição (Figura 8) foi mencionada como um acontecimento que modificou e trouxe melhorias ao bairro: “antes era tudo mato, mas depois dela melhorou bastante” (SANTOS, 2018). Para Vieira (2018) apenas os moradores do Guamá possuem o privilégio de “ter” a Universidade, a moradora demonstra em seu relato ter criado sentimentos de pertencimento e identificação com o bairro em que construiu a família, e acredita que o mesmo não merece a fama de ser um bairro violento.

Olha eu gosto muito desse bairro, gosto muito mesmo, às vezes o pessoal fala... Nada! Negócio de violência é em qualquer lugar, tem uns que são mais... Ainda mais que o bairro do Guamá é o bairro maior que tem né? Aqui tem tudo... tem parte de supermercado, a feira... feira livre, muitas lojas, tem centro de saúde, tem pessoal da segurança né? Tem até a UFPA! Só nós que temos esse privilégio, né? A UFPA é uma cidade. (VIEIRA, 2019)



Figura 8: Construção da Universidade Federal do Pará, década de 60. Fonte: Acervo do Museu da UFPA. Disponível em: <<http://www.radio.ufpa.br/webdoc60/memorias-ufpa/>>.

Portanto, é possível pensar o campus da Universidade como um ponto de referência que revela um trabalho de enquadramento realizado por estes moradores, pois à medida que enfatizam a importância que a Instituição possui na área, reforçam sentimentos de pertencimento com o local, bem como defendem fronteiras daquilo que têm em comum e os torna um grupo (POLLAK, 1989). De acordo com Mayol (2008), “o bairro se inscreve na história do sujeito como marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”. Para os moradores do Guamá a Universidade é um motivo de orgulho, faz parte do bairro que lhes pertence, então ela também é apropriada pelos mesmos.

Silva Filho (2019) e Borges (2019) também demonstraram sentimentos de pertencimento com o bairro ao destacarem em suas falas os motivos pelos quais gostam de morar no Guamá; enquanto o primeiro citou a cena cultural e a presença de escolas de samba como fatores que o fazem dizer “meu bairro é o Guamá”, o segundo enfatizou a proximidade de estabelecimentos que considera importante e a facilidade de acesso a outras áreas da cidade. Ficou claro durante as entrevistas que para os moradores entrevistados, o bairro do Guamá deixou de ser espaço e se transformou em um lugar (DUARTE, 2010; MAYOL, 2008).

Ao representar as informações sobre os equipamentos e espaços que apareceram com frequência nas narrativas apresentadas (Figura 9) foi possível perceber que estes se localizam essencialmente nas principais vias do bairro, as mesmas atendidas pelo transporte público, e na proximidade das residências dos moradores. Constatou-se ainda que mesmo os espaços que fisicamente não existem mais, de certa forma ainda estão presentes na área, seja nas lembranças dos entrevistados ou na referência que

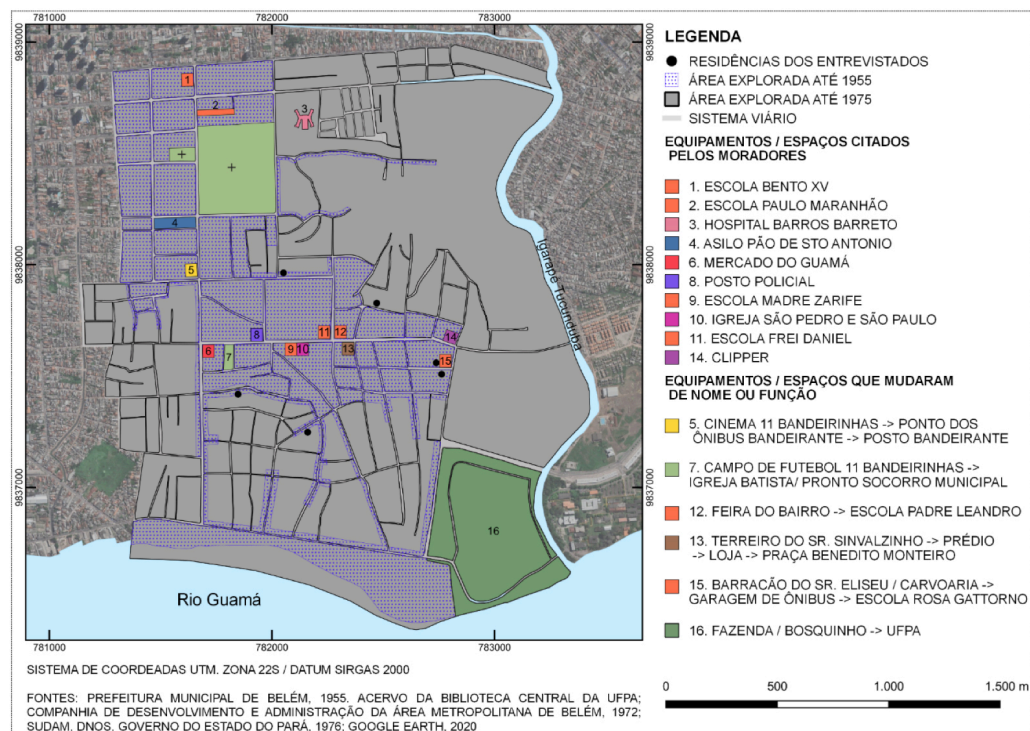


Figura 9: cartobiografia indicando a localização dos espaços e equipamentos citados pelos moradores. Fonte: elaborada pela autora, 2020.

espaços do bairro fazem às suas existências, é o caso, por exemplo, da quadra onde antes localizava-se o campo Onze bandeirinhas, e que atualmente é delimitada pelas passagens Onze Bandeirinhas e Onze Bandeirinhas II.

Considerações finais

As entrevistas realizadas permitiram entender o quanto dar voz à “memória subterrânea” (POLLAK, 1989) de grupos sociais que foram excluídos e marginalizados pode contribuir com pesquisas sobre espaços da cidade que também foram silenciados. Através de seus relatos, os moradores do Guamá trouxeram à luz informações a respeito das transformações da área, ao mesmo tempo em que indicaram as próprias participações nas dinâmicas ocorridas.

Verificou-se que as transformações percebidas nos indicadores de urbanização relacionam-se aos processos de modernização desenvolvidos na capital paraense durante o período pesquisado, quando projetos de reforma e intervenções realizadas na cidade visavam controlar o seu espaço e transmitir o ideal de progresso e desenvolvimento. Porém, percebe-se que essa modernização se revelou parcial e seletiva, já que pelas cartobiografias construídas a partir dos relatos dos moradores, observa-se que estes foram os principais agentes de transformação, muitas vezes contando apenas “com seus próprios meios de modernização de baixo para cima” (BERMAN, 2017, p.28).

De fato, as narrativas permitiram compreender o Guamá como um espaço que foi constantemente moldado por processos de interação entre seus habitantes e o ambiente construído. E que estes ao lhe dotarem de afeto desenvolveram sentimentos

de pertencimento com o local e passaram a realizar ações de apropriação simbólica do espaço, de modo que, ao mesmo tempo em que moldaram lugares para si, também construíram as próprias identidades (DUARTE, 2010).

Na atualidade o Guamá segue sendo um bairro dinâmico, mas que apresenta uma série de deficiências, carência de investimentos e infraestruturas, principalmente nas áreas que foram ocupadas após a década de 70, quando houve um exponencial crescimento populacional e dezenas de ruas e passagens foram criadas. Hoje o bairro é o mais populoso da capital paraense, com uma população de 94.610 habitantes distribuída em uma área de aproximadamente 4.17Km² (BELÉM, 2019).

Nos últimos 15 anos o bairro passou por mudanças importantes em seu sistema viário, com obras de macrodrenagem e pavimentação em grande parte de suas ruas. Como consequência, observa-se atualmente um processo de instalação de empreendimentos privados, como lojas de varejo, grandes supermercados e até um hospital particular. Todavia, estas ações concentram-se majoritariamente em suas principais vias, as mesmas que foram mencionadas pelos moradores entrevistados, onde primeiro chegou a iluminação, o abastecimento de água e que eram atendidas pelos transportes públicos, o que demonstra que embora tenham se passado pelo menos cinco décadas entre os momentos relatos e a atualidade, diversos espaços do bairro ainda guardam relação com o Guamá de outrora.

Cartobiografar as transformações do Guamá revelou-se um método valioso, na medida em que, mais do que representar o desenvolvimento da área, as cartobiografias também permitiram contar e espacializar a história dos moradores entrevistados e de certa forma devolver-lhes o controle sobre um território que em períodos anteriores os mesmos foram os principais responsáveis por criar um “texto urbano” (CERTÉAU, 2011, p.13).

Este artigo apresentou a cartobiografia como uma alternativa capaz de auxiliar pesquisas que visam entender o desenvolvimento de áreas da cidade a partir das narrativas de pessoas que foram agentes ou testemunhas de suas transformações. Contudo, como este tipo de representação ainda é bastante experimental, nada impede que seja utilizado para outros objetivos e abordagens. Espera-se com este artigo contribuir com novas pesquisas, tanto sobre o bairro do Guamá e outras áreas que também estiveram à margem das representações cartográficas, como com novos olhares sobre documentos cartográficos e a possibilidade de inserir em seu escopo, informações sociais, sentimentos, percepções e outros tipos de dados.

Referências bibliográficas

- ACSELRAD, Henri (org.). *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. 318 p.
- ASSMANN, Aleida. A gramática da memória coletiva. *Humboldt*, Bonn: Goethe-Institut Inter Nationes, p. 2- 4, 2003.
- BALEIXE, Haroldo. A adoção da palavra CLIPPER. *FAU- Laboratório Virtual – ITEC/UFPa*. Belém, 22 mar. 2013. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2013/03/22/a-adocao-da-palavra-clipper-in-post/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

- BELÉM. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. *Anuário Estatístico do Município de Belém*. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2019. Disponível em: <http://anuario.belem.pa.gov.br/>. Acesso em: 10 de mar. 2020.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- DUARTE, Cristiane. Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura – Cultura, subjetividade e experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura. In ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 1., 2010, Rio de Janeiro. [Anais]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2010.
- COLLADO, Adriana; BERTUZZI, María Luisa; DEL BARCO, María Elena. Los Atlas Historicos de Ciudades: Instrumentos Para la Interpretacion de los Procesos Urbanos. *Apuntes*, Bogotá, v. 26, n. 1, p.170-185, jan. 2013.
- DIAS JÚNIOR, José do Espírito Santo. *Cultura Popular no Guamá: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federa do Pará, 2009.
- ECKERT, Cornelia. As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória. *Revista Iluminuras – Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 1-12, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9294>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9294/5361>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- FAVELUKES, Graciela. Imágenes del territorio: Mapas, cultura y ciudad. In: CICUTTI, Bibiana (Comp.). *La cartografía como objeto de cultura: Materiales para su discusión*. Rosario: Nobuko, 2012. p. 23-48.
- GUTIÉRREZ-GONZÁLEZ, Maria José. Los mapas artísticos como narrativas configuradoras de identidad. *Arte, Individuo y Sociedad*, v. 31, n. 4, p. 791-807, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5209/aris.62004>. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ARIS/article/view/62004>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- HARLEY, John Brian. *Hacia una deconstrucción del mapa*. La nueva naturaleza de los mapas. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 185-207.
- _____. Mapas, saber e poder. *Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia*, n. 5, p. 2-24, 2009. Disponível em: <http://confins.revues.org/index5724.htm>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- HENRIQUE, Márcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., p.153-177, 2012.
- KIMINAMI, Cristina A. G. *Contracartografias: práticas críticas em um mundo hipermapeado*. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.
- PARÁ. Governo do Estado do Pará. Instituto de Terras do Pará. *Sesmarias*. Belém: Instituto de Terras do Pará, 2010. 4 v. Disponível em: http://www.rosepepe.com.br/hotsite_acervo/sesmarias/. Acesso em: 15 mai. 2020.
- MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 1, p. 37-114.
- MESQUITA, André. *Mapas Dissidentes: Proposições sobre um mundo em crise (1960-2010)*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

- O PARÁ na administração Alacid Nunes: Documentário das obras realizadas de 1966 a 1971. Secretaria de Estado do Governo. Belém: Cia. Gráfica Lux, 1971.
- ORTIZ, Antonio Jesús Palacios. Carto[bio]grafias. Inventiones cartográficas para representaciones experienciales. *URBS: Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales.*, Almería, v. 4, n. 1, p. 269-276, 2014. Disponível em: http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/palacios_ortiz. Acesso em: 30 jun. 2020.
- PENTEADO, Antônio. *Belém - Estudo de Geografia Urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968 2v.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p 3-15, 1989.
- RAMOS, José Messiano. *Entre dois tempos: Um estudo sobre o Bairro do Guamá, a Escola "Frei Daniel" e seu patrono*. Belém: Gráfica Supercores, 2002.
- RAUSCH, Gisela. La invención del saber cartográfico. Algunos aportes para el análisis de la imagen cartográfica desde una perspectiva epistemológica. In: CICUTTI, Bibiana (Comp.). *La cartografía como objeto de cultura: Materiales para su discusión*. Rosario: Nobuko, 2012. p. 131-154.
- SILVA, Regina Helena A. Cartografias urbanas: a constituição de um acervo multimídia. In: CASTRIOTA, Leonardo B. (Org.). *Arquitetura e Documentação: novas perspectivas para a história da arquitetura*. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2011. p. 197-219.

Recebido [Dez. 12, 2021]

Aprovado [Fev. 03, 2022]